

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Doença do Janda

Class.: 04

Data: 24/02/81

Pg.: _____

AL: tribo em situação precária

BRASÍLIA (PT) A comunidade dos Tingulkariri, composta por 500 indígenas, vive há mais de 70 anos no Município de Feira Grande, no Sul de Alagoas, e é o grupo do Estado que mais preserva parcialmente sua língua e se apegam zelosamente aos rituais, de acordo com relatório da Comissão Pró-Índio de São Paulo.

Os Tingulkariri ainda praticam o ritual do Ouricuri e se queixam de que são ridicularizados por isso. Diz ainda o relatório que as crianças Tingul "são pressionadas nas escolas para revelar o segredo do Ouricuri". Dos dois hectares de terras ocupados pelos índios, mais da metade é conservada com o máximo de vegetação, para se realizar o ritual.

A comunidade de Tingul, diz a Comissão Pró-Índio, "encontra-se em condições extremamente precárias". Além de trabalharem nas fazendas, alguns índios procuram tarefas

nas usinas de cana-de-açúcar, distantes da aldeia. Limpam e cultivam roças "sob a condição de devolverem dentro de um ano, a terra já plantada com pasto para gado". Os Tingul foram prejudicados com a última seca, quando perderam toda a lavoura. Por essa razão "alguns estão abandonando a comunidade".

As mulheres da aldeia são artesãs e produzem chapéus de palha, vasouras, bolsas e esteiras. A matéria-prima, (palha chamada ouricuri) é tirada nas fazendas vizinhas mas "os fazendeiros se opõem a que as mulheres peguem a palha, assim como a lenha para a cozinha, tendo mesmo ameaçado-os de prisão".

Os fazendeiros, segundo as indígenas, "estão tentando vender por 60 cruzeiros a dúzia de "alhos" de ouricuri, que permitem fazer uma média de quatro a cinco chapéus. Cada chapéu requer dois dias de

trabalho e é vendido pelas índias por apenas 40 cruzeiros.

REIVINDICAÇÕES

Em 26 de janeiro deste ano, o cacique Adalberto Ferreira da Silva enviou telegrama ao presidente da Funai, reivindicando assistência e solicitando a presença do coronel Nobre da Veiga na aldeia.

O pagé João Ferreira, em carta também enviada à Funai, diz que "eu e meus índios vivemos neste local de terra que não dá para ninguém trabalhar. Os índios já estão saindo da aldeia para irem trabalhar para outros. Na minha aldeia está faltando terra, pasto, escola, medicamento. Nós vivemos muito preocupados, com medo dos brancos descobrirem nossos segredos indígenas".

O pagé diz ainda que os índios estão precisando de sal, feijão, milho, farinha e arroz".